

O Estado brasileiro vive o problema da falta de gerenciamento

Luiz S. Sandoval

Recuso-me a aceitar a comparação que fazem do Brasil com a Argentina. Lá, os dois setores, público e privado, a partir do final da Segunda Grande Guerra, 1944, sempre estiveram nas mãos de maus dirigentes. Aqui, lamentavelmente, é o setor público que sempre foi e é mal gerenciado.

É triste lembrar que o argentino, nos idos de 1943, tinha uma renda per capita igual à do americano do Norte e, agora, aquele notável país assiste, desesperançado, a saques a supermercados, com uma inflação de 78% ao mês.

Nós brasileiros, entretanto, temos um setor privado competente. Competente na indústria, no comércio, no setor rural e no de serviços, razão pela qual nossa economia segue crescendo. E o empresariado brasileiro até está aprendendo a conviver com o novo sindicalismo. Os impasses surgidos entre operários e patrões estão somente na esteira radical, de um lado ou de outro, coisa que o tempo ensinará. Mas, volto a dizer: o setor privado brasileiro — empresariado e trabalhadores — é competente.

O lado triste e incompetente está no setor público. Este ainda não entendeu a velha lição de que toda enfermidade deve ser combatida em suas causas e não em seus efeitos. Falo da inflação. Preços são efeito da inflação. Os preços aumentam em face da inflação, assim como os salários. A causa maior é a expansão monetária, que ocorre em função do déficit público.



Este, o déficit público, compete ao governo, que o tem gerenciado de forma incompetente. E governo, hoje, é Legislativo e Executivo. O governo continua preso a uma estrutura rígida e de pouca agilidade. Insiste em manter-se em negócios que já deveriam estar nas mãos do setor privado. Esses negócios, deficitários nas mãos do setor público, atuam como fatores térmicos para alastramento do câncer que é o déficit público.

Reserva de mercado, política cambial e política de preços são exemplos de mau gerenciamento do setor público. Quando todos os países do mundo, até os da cortina de ferro, abrem suas economias, nós ou, melhor, o governo brasileiro insiste em fechá-la ao capital, e, o que é mais sério, à tecnologia estrangeira. O xenofobismo é a grande burrice da economia. A interferência do setor público no setor privado, com o exagero que acontece no Brasil, é uma das causas do desastre que nos ameaça, ou seja, a hiperinflação. Particularmente, não aceito que cheguemos à hiperinflação, exatamente porque o setor privado ainda tem fôlego e é bem gerenciado, unindo-se para conduzir o setor público a não mais brincar com a economia brasileira, que, repito, vai bem.

Há que se oxigenar o setor público com um plano de emergência até a posse do novo presidente. São seis meses importantíssimos para a economia. É o Brasil que está em jogo. É a Nação que reclama um governo à sua altura. Tenho fé em que atravessaremos essa ponte.

Luiz S. Sandoval advogado e administrador, é presidente do grupo Silvio Santos.